

DISPOSITIVOS DAS PRÁTICAS DOCENTES NA CULTURA DIGITAL: CURADORIA DIGITAL NA EDUCAÇÃO ABERTA

*TEACHING PRACTICE DEVICES IN DIGITAL CULTURE: DIGITAL CURATION IN THE OPEN
EDUCATION*

*DISPOSITIVOS DE PRÁCTICA DOCENTE EN LA CULTURA DIGITAL: CURADURÍA DE CONTENIDOS
DIGITALES EN LA EDUCACIÓN ABIERTA*

Adriana Rocha Bruno

Doutora em Educação (Currículo) – PUC/SP. Professora do Departamento de Didática na Escola de Educação da UNIRIO-RJ, Professora dos PPGE e PPGP da UFJF-MG.
E-mail: arbruno2208@gmail.com

Ana Carolina Guedes Mattos

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG.
E-mail: carolguedemat@gmail.com

RESUMO

O presente texto apresenta vivências das autoras com as práticas inovadoras na Educação e os caminhos da curadoria digital no processo de formação docente. A educação contemporânea traz a potência de um processo múltiplo do fazer, do criar e das emergências, abrindo espaço para que todos os envolvidos sejam articuladores, autores e estejam implicados no processo. Conforme destaca o Centro de Curadoria Digital, os dados selecionados em repositórios digitais confiáveis podem ser compartilhados, além disso, reduzem a duplicação de esforços na criação de dados e ampliam a qualidade da pesquisa. Os estudos de Gilles Deleuze e Felix Guattari sobre multiplicidade, devir e rizoma são potencializadores para compreender e praticar a complexidade de uma educação contemporânea aberta. São compartilhadas duas vivências, uma no Ensino Superior e outra na Educação Básica, que mostram as práticas docentes em que se sustentam as ideias e os dispositivos assumidos. Na primeira, a caminhada fotográfica se faz processo de desenvolvimento dos múltiplos olhares para o entorno e para a docência, tendo as lentes e a inspiração de curadoria presentes nesse processo; e na segunda vivência são relatadas situações de formação de professores da Educação Básica assumidas pela gestora da escola e os processos implicados na curadoria digital. Compreende-se que as vivências, no sentido tratado por Vigotsky, por meio das práticas relatadas, nos mostrem os rastros e as possibilidades para que uma educação aberta seja possível.

Palavras-chave: Dispositivos; Cultura digital; Educação aberta; Práticas docentes; Curadoria digital.

ABSTRACT

This text presents experiences of the authors with innovative practices in education and the ways of digital curation in the process of teacher training. Contemporary education brings the power of a multiple process of doing, creating and emergencies, opening space for all involved to be articulators, authors and involved in the process. As highlighted by the Digital Curation Centre, the data selected in reliable digital repositories can be shared, in addition, they reduce duplication of efforts in data creation and enhances the quality of research. Gilles Deleuze and Felix Guattari's studies of multiplicity, becoming and rhizome are enablers to understand and practice the complexity of an open education contemporary. Two experiences are shared, one in Higher Education and the other in basic education, which show the teaching practices on which the ideas and devices assumed are based. In the first, the photographic journey is a process of development of multiple looks to the environment and teaching, having the lenses and the inspiration of curation present in this process; and in the second experience are reported situations of training of teachers of basic education assumed by the director and the processes involved in digital curation. It is understood that the experiences,

in the sense approached by Vigotsky, through the reported practices, show us the traces and the possibilities for an open education to be possible.

Keywords: Devices; Digital culture; Open education; Teaching practices; Digital curation.

RESUMEN

Este artículo presenta las experiencias de las autoras con prácticas innovadoras en educación y los caminos de la curaduría digital en el proceso de formación docente. La educación contemporánea brinda el poder de un proceso múltiple de hacer, de crear y de las emergencias, dejando espacio para que todos los involucrados sean articuladores, autores e involucrados en el proceso. Como señala el Centro de Curaduría Digital, los datos seleccionados de repositorios digitales confiables se pueden compartir, lo que reduce aún más la duplicación de los esfuerzos de creación de datos y aumenta la calidad de búsqueda. Los estudios de Gilles Deleuze y Felix Guattari sobre la multiplicidad, el devenir y el rizoma son potenciadores para comprender y practicar la complejidad de una educación contemporánea abierta. Se comparten dos experiencias, una en Educación Superior y otra en Educación Básica, que muestran las prácticas de enseñanza en las que se apoyan las ideas y los dispositivos asumidos. En la primera, la caminata fotográfica es un proceso de desarrollo de múltiples miradas para el entorno y la enseñanza, teniendo los lentes y la inspiración de la curaduría presentes en este proceso; y en la segunda experiencia se reportan situaciones de formación de docentes de Educación Básica asumidas por la gestora de la escuela y los procesos involucrados en la curaduría digital. Se entiende que las experiencias, en el sentido tratado por Vigotsky, a través de las prácticas reportadas, nos muestran los senderos y las posibilidades para que una educación abierta sea posible.

Palabras-clave: Dispositivos; Cultura digital; Educación abierta; Prácticas docentes; Curaduría digital.

PRIMEIRAS PALAVRAS

A presente produção traz reflexões e relatos de duas pesquisadoras sobre práticas inovadoras na Educação, apresentando a curadoria digital como promotora, cocriadora e colaboradora de uma educação aberta.

Os movimentos de inovação na educação têm conquistado espaço em muitas práticas docentes, e as tecnologias digitais e em rede assumem papel importante neste processo por sua ação direta na aprendizagem humana.

Conforme sinalizam Cavalcanti e Filatro (2018, p.35) “as metodologias ágeis e imersivas valorizam bastante a contribuição das mídias e tecnologias na educação e, de certa forma, dependem dela”. Palavras como interação e conexão são representativas no discurso de diversos estudiosos, como nos de Lemos (2004) e Santaella (2004). Lévy (1999, p. 157) trouxe o termo ciberespaço, que “suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas”, e o estudioso Castells (2007) o alerta de que as redes influenciam os processos produtivos, as experiências, o poder e a cultura.

Hoje as pessoas podem criar, modificar e cocriar por meio dos dispositivos produzidos na cultura digital. Entretanto, para que qualquer educação seja aberta, como

propomos, é importante: 1. considerarmos as condições materiais que influenciam diretamente as maneiras como tudo acontece: quais sistemas, pessoas, espaços, ideias e recursos estão disponíveis? 2. que as práticas culturais sejam abertas, híbridas, compartilhadas e colaborativas.

Santos (2011) destaca a contribuição das Universidades Abertas como potencializadoras da educação aberta e assinala características importantes deste tipo de educação no Ensino Superior: “Duas das principais características da educação aberta superior são a flexibilidade na admissão de estudantes e o acesso à educação formal sem custo para o estudante” (SANTOS, 2011, p.77).

Estas duas características, tão importantes e que pareciam tão distantes no cenário brasileiro, foram conquistadas há pouco tempo. Graças a políticas inclusivas, de expansão do ensino superior público e gratuito, de financiamento do ensino superior, de bolsas de estudo e de pesquisa, milhares de jovens, discentes e docentes, ingressaram nas universidades brasileiras e transformaram suas vidas e também as universidades e os cursos. Apontamos o acesso dos docentes porque também aos professores, que não viam possibilidades de ingresso no ensino público superior, foram abertas possibilidades de ingresso e permanência.

Os dados mostram o saldo positivo de tais políticas:

Se em 2006 eram 4,94 milhões de matriculados na etapa, 10 anos depois, esse número dobrou. O percentual de alunos pobres nas universidades públicas também aumentou: de 6,2% em 2005 para 8,3% em 2015, enquanto nas pagas subiu de 0,8% para 4%, segundo dados do INEP. (MATUOKA, 2019, sp.).

Temos acompanhado e vivenciado o cenário da educação universitária, que tem sofrido ataques intensos pós 2016. Corremos sério risco de retrocedermos aos tempos em que as duas características apontadas por Santos (2011) não passavam de utopia. Por isso, o presente artigo, além de partilhar estudos, ideias, pesquisas e práticas docentes, tem o objetivo de alertar para a importância de tais conquistas, pois é a partir delas que a educação brasileira passa também a ser conhecida e respeitada no cenário nacional e mundial, e é pela educação que produzimos pesquisa e práticas para aprendizagens.

A educação contemporânea aberta e a produção de Curadoria Digital: caminhos possíveis

As reflexões sobre os conceitos aqui apresentados são analisadas a partir dos teóricos da Cibercultura e da Educação Aberta (LÉVY, 1999; BRUNO, 2010, 2008; SANTAELLA, 2004; SANTOS, 2012, 2011) e da Filosofia (DELEUZE, 2011, 1998, 1997; DELEUZE e GUATTARI, 1995).

A rede e os espaços de aprendizagem hodiernos provocam-nos a trazer os conceitos de Deleuze e Guattari (1995), cujas proposições inspiraram as análises e as interpretações desenvolvidas. A obra destes autores apresenta a ideia de devir como o conteúdo próprio do desejo. Desejar é passar por devires, e um devir não é um sonho, mas sim o encontro de dois termos heterogêneos que se desterritorializam. O devir possibilita outra forma de viver e de sentir e "não é atingir uma forma (identificação, imitação, mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal qual já não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula" (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 156-157). Trata-se de uma experiência que acontece no encontro entre dois (ou mais), e para tal é preciso estar aberto/a ao novo, ao diverso, ao diferente.

É neste contexto que a educação aberta e a curadoria digital produzem propostas criativas e inovadoras, em formatos múltiplos, com concepções abertas, modalidades articuladoras, tecnologias diversas.

A abertura pode ser compreendida como um "acontecimento": "O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera, [...] ele é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece" (DELEUZE, 2011, p. 152). Por isso, uma educação aberta como acontecimento implica em mudanças profundas que não se mantêm ou se revelam na superfície das aparências, da materialidade, das produções dos materiais criados, mas nas transformações no ser que as desenvolve. A abertura se dá na pessoa e, por conseguinte, se mostra em suas produções.

Mais do que uma educação centrada em um ator, em um sujeito específico, precisamos cocriar educações descentralizadas, em que as polaridades e as cisões não mais existam. Estas práticas são imprescindíveis para o desenvolvimento do que estamos chamando de curadoria digital.

A curadoria digital ganha projeção, sobretudo, com a criação do Digital Curation Centre (DCC), em 2004, pela associação das Universidades de Edimburgo e Glasgow

(Escócia – Reino Unido). Para o DCC a “curadoria digital envolve manter, preservar e agregar valor aos dados de pesquisa digital em todo o seu ciclo de vida”. Conforme destaca o Centro de Curadoria Digital, os dados selecionados em repositórios digitais confiáveis podem ser compartilhados, além disso, reduzem a duplicação de esforços na criação de dados e ampliam a qualidade da pesquisa.

A curadoria digital é compreendida pela DCC como o ciclo de vida e divide-se em: I) Conceituar: criação de objetos digitais (métodos de captura de dados e opções de armazenamento; II) Criar: produção de objetos digitais e atribuir metadados (arquivos de configuração de um sistema); III) Acesso e uso: acesso dos usuários aos objetos digitais protegidos e não protegidos por senha; IV) Avaliar e selecionar: depurar os objetos digitais que precisam de curadoria. V) Descarte: destruição segura de objetos em desacordo com requisitos legais; VI) Ingestão: transferência do objeto digital para um arquivo morto ou repositório digital confiável, seguindo os requisitos legais; VII) Ação de preservação: criação de ações de preservação a longo prazo dos objetos digitais; VIII) Reapreciação: retomada de objetos digitais com falhas em procedimentos de validação e nova seleção; IX) Armazenar: manutenção dos dados de maneira segura; X) Acesso e reutilização: verificação de acessibilidade ao usuário, para uso e reutilização pela primeira vez; XI) Transformação: criação de objeto a partir de um original, mas com um formato diferente. Higgins (2011) pontua que o foco da curadoria digital é a manutenção dos materiais por todo o seu ciclo de vida e que aconteça de maneira acessível para quem deles precise. O movimento do licenciamento de materiais com o uso de licenças do *creative commons*¹, é um exemplo de reutilização, destacado no item 'acesso e a reutilização'. Assim como o movimento de co-criação e remixagem é uma potência da Educação Aberta.

Diante do exposto inferimos que o espaço organizado pelo curador digital representa mais do que uma organização de objetos digitais que integram um tema ou um assunto; o curador apresenta o seu olhar, a sua análise a respeito do que seleciona e escolhe. Desse modo, o curador é um autor ou um coautor.

Segundo Obrist, “O trabalho do curador contemporâneo continua surpreendentemente perto do sentido de curar e de cultivar, cuidar, podar, e tentar ajudar as pessoas e seus contextos compartilhados a se desenvolver” (OBRIST, 2014, p. 38). Com

¹ <https://br.creativecommons.org/>

as publicações de Hans Ulrich Obrist o termo se propagou de forma intensa (re)significando paradigmas e batizando práticas já conhecidas pelos estudiosos da área das artes.

Na educação, a curadoria cria caminhos, possibilidades para que os materiais selecionados por um curador sejam acessíveis e circulem entre professores que busquem um tema específico ou assuntos relevantes para o seu trabalho. A curadoria digital potencializa os estudos e práticas de curadoria, não apenas por trazer a possibilidade de digitalizar, mas sobretudo por transformar modos e ideias de se desenvolver esta ação junto aos dispositivos, ampliando/integrando conceitos e práticas cotidianas, como hibridismo, ubiquidade, acessibilidade etc., além de oferecer mais elementos para a realização da educação aberta.

Práticas docentes com os dispositivos

A palavra dispositivo, segundo Houaiss e Villar (2001), que se origina do latim *dispositio* e do verbo *disponere*, indica ordenar, arranjar, compor, regular, orientar. Segundo Nespoli (2018), também está relacionada à ideia de administrar, ordenar e governar. Agamben (2005) destaca que o termo foi traduzido do grego *oikonomia* - do *Oikos* - casa/homem, para o latim *dispositio*, pelos padres católicos. Deste processo, se associa à administração da casa, do governo, do homem, por meio de estratégias para tal.

As leituras de Agamben (2005), que traz o pensamento de Foucault, sinalizam para a relação entre dispositivos e as positivities, para "se referir à disposição de uma série de práticas e de mecanismos (ao mesmo tempo linguísticos e não linguísticos, jurídicos, técnicos e militares) com o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito" (AGAMBEN, 2005, p. 11). Assim, teríamos ao mesmo tempo a monarquia e a igreja como dispositivos na era medieval, bem como a prática da confissão (aos padres católicos), também como dispositivo. Neste caso, Agamben sinaliza o dispositivo como prática de subjetivação e esclarece que no processo de confissão há pecado e pecador, crime, criminoso e castigo, integrados e articulados.

Foucault assim mostrou como, em uma sociedade disciplinar, os dispositivos visam através de uma série de práticas e de discursos, de saberes e de exercícios, a criação de corpos dóceis, mas livres, que assumem a sua identidade e a sua

"liberdade" enquanto sujeitos no processo mesmo do seu assujeitamento. (AGAMBEN, 2005, p. 15)

Os dispositivos não estão e não são neutros, mas estão sempre a serviço de espelhar, reproduzir uma ideia, uma cultura, uma concepção de sociedade. Não se limitam a instrumentos físicos, mas também se referem a ideias, ações, práticas, reflexões. Mais uma vez recorreremos a Foucault para a potência do termo e sua capilaridade.

O que eu tento descobrir sob esse nome é, primeiramente, um conjunto decididamente heterogêneo, que comporta discursos, instituições, arranjos arquitetônicos, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, em resumo: do dito, tanto quanto do não dito, eis os elementos do dispositivo. O dispositivo propriamente é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. Em segundo lugar, o que gostaria de descobrir no dispositivo é exatamente a natureza do laço que pode existir entre esses elementos heterogêneos [...] Em terceiro lugar, por dispositivo entendo uma espécie – digamos – de formação, que, em um dado momento histórico, teve por função maior responder a uma urgência. O dispositivo tem, pois, uma função estratégica dominante. (FOUCAULT, 2014, p. 45).

Os dispositivos nos cercam, nos habitam e por nós são produzidos/consumidos. Podemos compreender os instrumentos e signos tratados por Vigotsky (2007), como dispositivos culturais: instrumentos (ferramenta técnica) como condutores externos que tratam, por exemplo, da influência do homem na natureza; e os signos (instrumentos simbólicos) que são os condutores internos de controle do próprio indivíduo.

No campo da educação, e mais especificamente da Didática, Corazza (2011) nos apresenta, por meio de noções/ideias forjadas nos estudos de Deleuze, Guattari, Foucault, etc. dispositivos de aula, ou como ela diz: aula cheia - uma aula que integra todos/as, docentes, discentes, o dentrofora, como aula. Tais concepções, somadas às noções de dispositivos, podem ser dispostos como: devir, rizoma, escrita, didática-artista, acontecimento, sistema aberto, resistência, cartografia, multiplicidade, autopoiese, educação aberta, cartografias, curadorias, experiências, (co)autorias, redes e tantos outros que anunciam palavras e sentidos para práticas docentes.

Com tais ideias, partilhamos nossas práticas docentes que traduzem as ideias de dispositivos na relação com os estudos partilhados aqui.

Caminhadas fotográficas: trilhas, imagens, composições, coautorias

Esta primeira experiência narra ações desenvolvidas com alunos/as de Cursos de Graduação e de Pós-Graduação ao longo da docência de uma das autoras, nos últimos 16 anos: as caminhadas fotográficas.

A origem desta ação teve como inspiração a prática de uma artista-professora de Arte, Ana Cláudia de Sá e Bruni, que desenvolvia caminhadas fotográficas com seus alunos, anualmente, no Minhocão-SP. O fruto desse trabalho culminou na dissertação "A comunicação entre o homem e sua cidade: uma experiência fotográfica em São Paulo" (BRUNI, 2003). A partir destas narrativas, foi desenvolvida pela professora Adriana Rocha Bruno a atividade 'caminhada fotográfica', com o objetivo de desenvolver os múltiplos olhares para o que nos cerca, cocriando assim narrativas que entrelaçam imagens, texto, poesias, sons e bricolam outras imagens na produção de apresentações, curta-metragens, etc. Esta atividade integra dispositivos múltiplos, imbricados, que, a serviço de uma formação crítica e criativa, discute a relação entre educações e a cultura digital.

O detalhamento desta experiência, apresentado a seguir, é fruto de muitos anos de trabalho coletivo, com alunos e alunas, orientandos/as em seus estágios de docência. Cada turma desenvolveu de um jeito, pois somos todos/as autores e a docência, a mediação, é partilhada (BRUNO, 2008).

- A caminhada fotográfica - aquecimento: inicia com uma chamada para que naquela data todos/as estejam munidos com seus dispositivos móveis para desenvolverem registros fotográficos. Na data acordada, estudantes são convidados a apurar o olhar para o seu entorno e para o outro. Algumas vezes exercícios com/sobre/para o olhar são praticados, como a observação de um colega, em silêncio, por um minuto e, após alteração de algo no seu visual, observadores são convocados a 'descobrir' o que mudou. O debate sobre olhar, observar, ser observado e as múltiplas implicações desse processo servem como aquecimento para a caminhada fotográfica;
- A caminhada fotográfica: orientações para o campo - antes de sair a campo, estudantes são orientados/as para que busquem o que chamamos de 'olhar inusitado', o não visto, não percebido. Ampliar esse olhar pode significar usar recursos dos dispositivos móveis, como zoom, close, distorções, alteração de nitidez e cor, etc. A proposta é que a lente capte o que o cotidiano, impregnado das rotinas e correrias diárias, tornam velado. Após tais orientações todos/as

saem para suas capturas e retornam após 30 minutos. Esse tempo é necessário para que as pessoas entendam que a caminhada exige contemplação, planejamento, calma, paciência. Não há necessidade de pressa, mas de respiro, escolha, observação;

- A caminhada em si: ao entrar no campo, que normalmente acontece no espaço da universidade/faculdade, ou seja, no entorno, os/as estudantes iniciam seus cliques. Acostumados com as capturas imediatas, rápidas dos *selfs*, necessitam de um tempo para que outro ritmo se instaure e que assim seja possível alterar o clima veloz que os consome. Iniciam então seus registros autorais, começam a criar narrativas imagéticas. Param, observam, respiram, riem, se assustam, se esbarram, dialogam, partilham, cutucam, caminham, sentam, levantam, clicam, admiram, apagam, fazem muitos cliques, muitos registros, muitas capturas para, enfim, chegarem ao produto final: dispositivos singulares, criativos, críticos, autorais;
- As caminhadas fotográficas: o contato com a fotografia e o grande fotógrafo Sebastião Salgado (SS) - o retorno à sala de aula é sempre festivo. Muitos comentários, risadas e materiais para mostrar. Após se acalmarem, todos/as são convidados/as a conhecer o fotógrafo Sebastião Salgado, sua história, suas produções. Via Internet, apresentamos este artista, suas lentes, sua sensibilidade. Assistimos trechos de seus filmes, e eles são convidados a escolherem duas fotografias deste profissional;
- As caminhadas: produção de *storytelling* - o contato com as imagens produzidas por SS é muito impactante. A maioria dos/as estudantes não conhece, ou conhece pouco este artista, e fica impressionado com suas imagens em preto e branco. As fotografias escolhidas serão integradas a duas das produções feitas na caminhada fotográfica. Após esta seleção, em duplas, todos/as se organizam para a produção de uma narrativa que mistura/articula/compõe/soma outros dispositivos. Acolhem as imagens produzidas e selecionadas, organizam-nas em uma sequência e escolhem ou criam um texto que teça a narrativa. Sugerimos que integrem um fundo musical instrumental para aquela composição. O dispositivo final para esta narrativa é livre. Muitos usam slides, outros criam vídeos e ainda há aqueles que fazem tudo em documentos no processador de

textos. Mas, a depender da proposta do/a docente, pode-se orientar para a exploração em determinado app para curadorias digitais e socializar nas redes, criar canal da disciplina/área, enfim, deixar fluir a criatividade e sempre em composição com as/os estudantes.

Como fica explícito, esta experiência oportuniza diversas possibilidades para se trabalhar os múltiplos olhares em narrativas singulares por meio de dispositivos plurais. São instrumentos culturais e para as educações faz-se relevante compreender que estes dispositivos podem auxiliar docentes na mudança de concepção sobre suas práticas. Não é o recurso por si que faz/promove/provoca a mudança, mas o processo continuado e recorrente, periódico, de formação e de ação. Dispositivos, como a caminhada fotográfica como prática autoral da docência, uma vez socializados, mixados, orientados, integram os movimentos de curadoria digital.

Práticas inovadoras na formação docente: a escola como espaço formativo

Explanaremos a seguir, as vivências desenvolvidas por uma gestora no processo de formação docente em uma escola da educação básica, no que chamamos de escola formadora. Esta escola propõe intensa formação de professores e a equipe pedagógica assume esta ação por meio de práticas relacionadas a temas da educação (tecnologias digitais, currículo e avaliação). Exemplificaremos como a curadoria digital oportunizou vivências em relação às tecnologias digitais na educação como forma de discussão do contemporâneo.

Destacamos a palavra vivência a partir da discussão do conceito cunhado por Vigotsky, que é uma tradução do termo *pereživánie*. Ao consultarmos a tradução de Vinha e Welcman (2010) percebemos que o termo foi traduzido por vivência. Na obra, o dicionário Psicologia Clínica (TVOROGOV, 2007 apud VINHA, 2010, p. 683) declara que *pereživánie* é a “condição mental, evocada por fortes sensações e impressões. *Pereživánie* não é apenas uma realidade direta à consciência, de seus conteúdos e de suas condições, não é apenas algo experimentado, mas também um trabalho interior, um trabalho mental”. Para Vigotsky (apud VINHA; WELCMAN, 2010) todas as particularidades da personalidade e as

do meio são apresentadas na vivência. Em outras palavras, na vivência, o meio interfere em nossas ações, em nossas particularidades.

Com essa reflexão e nesta direção, não dissociamos o fato de pesquisarmos a cultura digital e de que defendemos suas potências para o trabalho docente. As vivências da gestão e dos/as professores/as na formação em serviço podem encontrar na curadoria digital não somente apoio, mas outras formas de organização de materiais e de ideias que singularizam o contexto de forma autoral.

O presente relato vai ao encontro das singularidades que a curadoria digital oferece, potencializando o desenvolvimento da equipe de gestão escolar como formadora de professores, que “[...] forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado, forma e se transforma ao formar” (FREIRE, 1996). A organização pelo curador digital manifesta o olhar a partir do que se pretende compartilhar.

Diante do exposto, inferimos que o espaço organizado pelo curador digital representa mais do que uma organização de objetos digitais que integram um tema ou um assunto. O curador apresenta um caminho, uma possibilidade a respeito do que seleciona desenvolvendo sua autoria. Em tempos de curadoria digital, temos o movimento de licenciamento de materiais com o uso de licenças, como por exemplo, o *creative commons* que oportuniza a reutilização dos materiais. Assim, o movimento de co-criação e remixagem é uma potência da educação aberta.

O breve relato da gestora, e uma das autoras deste artigo, explicita como ela constitui uma curadoria digital e como acontece a formação da equipe de professores. Compartilhamos a seguir.

- O processo inicia-se com a escolha do espaço no qual pretendemos desenvolver o trabalho colaborativo e partilhar com a equipe de professores como, por exemplo, por meio do uso das tecnologias digitais na educação;
- Os programas ligados à computação em nuvem são priorizados por permitir armazenamento, acesso e participação/cocriação síncrona ou assíncrona de todos. Neste caso escolhemos o google drive. Para oferecer oportunidade de acesso a todos os envolvidos na formação, o drive de equipe possibilita um acesso fácil e rápido;
- Após a escolha do espaço de compartilhamento, acontece a seleção de materiais produzidos (ou em produção) que se encaixam às temáticas, - no caso,

elegemos temáticas afeitas às tecnologias, e que podem auxiliar o desenvolvimento da área proposta;

- Os materiais produzidos pelos professores e pela gestora, são inseridos ou desenvolvidos no google drive, e são disponibilizados em diferentes extensões: powerpoint, prezi, textos em pdf e vídeos. A escolha de linguagens é muito relevante para o professor que acessa o espaço organizado pelo curador, especialmente no processo formativo. Por isso, conciliamos a apresentação de materiais com extensões já conhecidas com aquelas que estão sendo estudadas, para que o acesso flua;
- A equipe de professores acessa os materiais produzidos e dispostos no espaço da curadoria, e faz os estudos e seleções a partir de percursos individuais.
- Destacamos que a curadoria digital na escola expandiu e aumentou a confiabilidade dos professores que acessam os materiais apresentados pela curadora e gestora da escola, uma vez que esta profissional tem estudos e uma produção sobre o tema;
- Um ponto importante é que o processo formativo se dá em serviço, ou seja, os docentes possuem em suas jornadas um espaço para tal e, assim, debates nestas reuniões pedagógicas acontecem e potencializam a colaboração e cocriação. Nesse sentido, outros professores, a medida em que se sentem mais seguros e que conhecem um assunto em maior profundidade, podem desenvolver também a curadoria. Trata-se, portanto, de um espaço coletivo e colaborativo, em que se exercita a mediação partilhada (BRUNO, 2008).

A partir da divisão da curadoria proposta pela DCC destacamos, nesta vivência: 1) a organização, a avaliação e a seleção como potencializadoras da cultura digital, 2) na conceitualização o caminho selecionado é o armazenamento em programas baseados na computação em nuvem (os mais usados atualmente, neste contexto, são prezi e google drive) uma vez que o acesso e uso do material produzido acontece de maneira mais fluida e em tempo real, tanto para quem organiza (curador) quanto para quem cocria (professores), 3) com relação à criação, certamente as apresentações no prezi oportunizam a exposição do olhar da curadora na dinâmica de promoção da formação docente, mas também auxiliam na transformação do que inicialmente fora proposto, 4)

destaque para os processos de formação (coletiva, colaborativa, em serviço), a cocriação e a compreensão, que pertencem ao movimento da educação aberta, na qual acreditamos, 5) para a ingestão e ação de preservação, os materiais selecionados foram armazenados em espaços de *backup* em nuvem, para que não sejam perdidos e/ou se dispersem, e possam ser remixados.

O relato explicitou os caminhos que a ação de um curador digital pode propiciar na formação docente. Ao contrário do que uma visão ingênua da curadoria propõe, para além de uma escolha visual, a eleição proposta pelo curador na educação amplia os caminhos e conexões dos temas a serem pensados e estudados pelos docentes, compreendendo que há uma concepção que alicerça todos os trajetos.

CONSIDERAÇÕES: INÍCIO DE NOVAS PROPOSIÇÕES

No contexto debatido neste texto, a educação aberta, os dispositivos e a curadoria digital implicam em propostas criativas e inovadoras, formatos múltiplos, concepções abertas, modalidades articuladoras, tecnologias diversas; mas, principalmente processos inclusivos, de acessibilidade, ubiquidade, hibridismo, conectividade, mobilidade. A abertura está na atitude dos que mudam suas formas de pensar e agir em sociedade e, assim, suas interações/relações com o outro.

A curadoria digital, ora proposta, é a responsável por manobrar as decisões práticas, uma espécie de orientação para se pensar modos de apresentação, de vivências e contemplação de produções diversas.

As práticas educacionais contemporâneas que relacionam o digital e a educação e que bebam da fonte curatorial, criam novas conexões, novos sentidos e caminhos potentes a favor do refinamento e aproveitamento máximo de informações, ampliando as potencialidades educacionais.

Por fim, estimular um pensamento e um agir curatorial digital envolve se abrir para os devires docentes em espaços formativos de produção com os dispositivos. Significa cocriar ambiências singulares de formação para que outras singularidades atravessassem e possam compor, cocriar, integrar. Mais do que fomentar espaços de curadoria, desenvolver sentidos, pensamentos e práticas deste tipo, envolve mudanças na própria docência, transformando-a então em educação aberta.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é um dispositivo?** Ilha de Santa Catarina - 2º semestre de 2005. Disponível pelo endereço:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/viewFile/12576/11743>. Acesso em: 30 out. 2019.

BRUNI, Ana Claudia de S. **A comunicação entre o homem e sua cidade:** uma experiência fotográfica em São Paulo. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

BRUNO, Adriana R. Travessias invisíveis: plasticidade, diferença e aprendizagem em redes rizomáticas de formação de adultos educadores nos ambientes on-line. In. **XV Endipe Didática e prática de ensino:** convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente, Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2010. v.2. p.171-196. Disponível em: http://www.fae.ufmg.br/endipe/livros/Livro_3.PDF. Acesso em: 10 out. 2016.

BRUNO, Adriana R. Mediação partilhada e interação digital: tecendo a transformação do educador em ambientes de aprendizagem online, pela linguagem emocional. In: BRUNO, A. R. et al. (org.) **Pesquisando fundamentos para novas práticas na educação online.** SP: RG Editores, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** V. 1, 10ª edição. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CAVALCANTI, Carolina Costa; FILATRO, Andrea. **Metodologias inov-ativas na educação presencial, a distância e corporativa.** 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

CORAZZA, SANDRA M. **Didaticário de criação:** aula cheia. Porto Alegre, fevereiro 2011. Disponível pelo endereço:

https://www.academia.edu/31832207/DIDATIC%C3%81RIO_DE_CRIA%C3%87%C3%83O_AULA_CHEIA. Acesso em: 30 out. 2019.

DIGITAL CURATION CENTRE. **What is digital curation?** Disponível em

<http://www.dcc.ac.uk/digital-curation/what-digital-curation>. 2004. Acesso em: 17 de set. de 2018.

DELEUZE, G. **Lógica do sentido.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição.** São Paulo: Graal, 1998.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. p. 156-157

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. v. 1. Trad. A. G. Neto & C. P. Costa. São Paulo: Editora 34 (Coleção Trans), 1995.

FOUCAULT, Michel. O jogo de Michel Foucault. In: **Ditos e escritos**, vol. IX. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2014. p. 44-77.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Cortez, 1996.

HIGGINS, Sarah. **Digital curation**: the emergence of a new discipline. The International Journal of Digital Curation, v.6, n. 2, 2011.

HOUAISS, A, VILLAR, MR. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LEMOS, André. **Cibercultura e mobilidade**: a era da conexão. Razón Y Palabra. n.41, out/nov, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MATUOKA, Ingrid. **Ensino Superior**: da expansão do acesso aos atuais desafios. Centro de Referências em Educação integral. Publicado dia 14/02/2019. Disponível pelo endereço: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/ensino-superior-da-expansao-do-acesso-aos-atuais-desafios/>. Acesso em: 30 out. 2019.

NESPOLI, Eduardo. Dispositivo (tecnológico). In: MILL, Daniel (org). **Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas/SP: Papirus, 2018. pp. 172-1752018

OBRIST, Hans Ulrich. **Caminhos da curadoria**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014.

OBRIST, Hans Ulrich. **Uma breve história da curadoria**. São Paulo: BEI Comunicação, 2010.

PRETTO, Nelson De Luca. **Polêmicas contemporâneas**: formando professores ativistas comprometidos com a sociedade. Revista Observatório, v. 3, p. 32-55, 2017.

PRETTO, Nelson De Luca. Professores-autores em rede. In: B. Santana; C. Rossini; N. L. Pretto. **Recursos educacionais abertos**: práticas colaborativas e políticas públicas (pp. 91-108). São Paulo/Salvador: Casa da Cultura Digital/EDUFBA, 2012.

SALATA, André. Ensino Superior no Brasil das últimas décadas. Redução nas desigualdades de acesso? Tempo Social. **Revista de sociologia da USP**. v. 30, n. 2. p. 219-253. Ano: 2017. Disponível pelo endereço: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v30n2/1809-4554-ts-30-02-219.pdf> Acesso em: 30 out. 2019.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e arte do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. In: Valdir José de Castro (Coord.). 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, A. I. Educação Aberta: histórico, práticas e o contexto dos recursos educacionais abertos. In: B. Santana; C. Rossini; N. L. Pretto. **Recursos educacionais abertos**: práticas

colaborativas e políticas públicas. São Paulo/Salvador: Casa da Cultura Digital/EDUFBA, 2012. p. 71-89

SANTOS, A. I. **Open Educational Resources in Brazil: State-of-the-art, Challenges and Prospects for Development and Innovation**. Moscow: UNESCO, 2011.

SANTOS, Edméa. **Educação online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente**. Pós-graduação em Educação. 2005. 352p. Tese de doutorado. Universidade Federal da Bahia.

SILVA, Marco. Educação presencial e online: sugestões de interatividade na cibercultura. In: Eugênio Trivinho e Edilson Cazeloto (Orgs.). **A cibercultura e seu espelho: campo de conhecimento e nova vivência humana na era da imersão interativa**. São Paulo: ABCiber, 2009.

VINHA E WELCMAN. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. Vigotsky, L. S. Tradução de Márcia Pileggi Vinha e Max Welcman. **Psicol. USP**. São Paulo, vol.21, n.4, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v21n4/v21n4a03.pdf>. Acesso em:

VIGOTSKY, L. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido em: 29/11/2019

Parecer em: 15/12/2019

Aprovado em: 18/01/2020